

# 9. Imitar Deus: vem-nos o desejo de ser como Ele

por Julián Carrón\*

A experiência do perdão, da misericórdia, que muda os traços da nossa vida, faz-nos querer fazer o bem. “Como quando os meus pobres pais”, conta Dom Giussani, “depois de um erro, em vez de me dar bronca ou me castigar, me perdoavam: dá vontade – não só à criança, mas também às crianças grandes – de fazer o bem”. Dá vontade! “É necessário que o perdão que já temos em nós se manifeste. Ele se manifesta de dentro de nós, daquele profundo em que nós nascemos d’Ele, nascemos como liberdade; é necessário que se manifeste em meu amor a ti. Este será o último dia, quando uma evidência abissal irá persuadir a todos: a imensa dor se tornará eterno amor.”<sup>1</sup>

Um amigo detento testemunha-nos que isto é possível: “Meu amigos, voltando para a prisão uma manhã, vocês não têm ideia de como foram uma ajuda para mim; entro na prisão e, como sempre, me fazem a revista, uma revista que pouco tem que ver com o ser humano, com a dignidade; tiram minha roupa. O que me permitiu ficar diante dessa provação foi também o rosto de vocês, o bem de vocês, e eu pensei: ‘Mas, se é verdade o que você compartilhou com o grupinho de amigos, então também esta provação, ou melhor, esta circunstância é para você. Não deve existir nenhuma circunstância que me possa roubar a coisa mais importante que trago em mim, ou seja, o olhar feliz’. Então naquele instante vocês foram a minha salvação, abracei toda aquela realidade, mesmo se me dava tristeza, não só por mim, mas sobretudo por quem me fazia aquilo. Mas entendi que não é culpa deles. Que culpa tem alguém se não fez um encontro, se não teve quem o amasse gratuitamente e conseqüentemente o ensinasse a amar, como faz sem um guia assim?! Que culpa tem alguém se não tem uma testemunha para seguir que o faça entender o que é o homem e, principalmente, por que vale a pena viver? Eu olhei para eles com uma grande ternura, não porque me agradasse ser despido ou ser tratado assim, isso não. Olhei para eles com ternura porque, se uma pessoa sempre foi tratada assim na vida, em consequência trata do mesmo jeito a quem encontra. Primeiro a pessoa tem a dignidade tocada e em consequência age com quem encontra!”.

Isto, observa Dom Giussani, é o que acontece: “Mediante o maravilhamento da Sua misericórdia, Ele nos traz o desejo de ser como Ele”. O Papa convidou-nos a viver um ano da Misericórdia para que cresça em nós o desejo de ser como Cristo. “Até em quem não estava interessado nem pela Igreja, nem pela moral [continua Dom Giussani] nasce um desejo de ser como Ele! Começa-se a perdoar realmente aos inimigos, aos que fazem o mal, e entende-se então a Jó, que, diante dos adversários que destruíram tudo o que tinha, pode dizer: ‘O Senhor deu, o Senhor tirou: seja bendito o nome do Senhor’. Quando nos levantamos de manhã, sentindo o perdão que nos renova a vida, também a nós dá vontade de dizer: ‘Senhor, ajuda-me a ser como Tu’. De fato, Jesus havia exortado aos discípulos: ‘Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso’ [é o tema que »

\*Do livreto dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» o Papa escolheu para este Ano Santo da Misericórdia: ‘Misericordiosos como o Pai’. E esse é um último contrassenso, mas só até certo ponto, porque é o desejo que define o ânimo do homem novo. Não somos realmente humanos se não desejamos ser misericordiosos como o Pai que está nos céus. A questão é se realmente desejamos”. Não “se não erro”: se desejo. “Então o milagre da misericórdia é o desejo de mudar. E isto implica aceitar-se, porque senão não seria desejo de mudança, mas pretensão e presunção, e não se tornaria pedido a Outro, não seria confiar-se a Outro. Tal desejo define o presente, o instante do homem pecador. O milagre é aceitar-se e confiar-se a Outro presente, para sermos mudados, ficando diante d’Ele, mendigando”.<sup>2</sup>

Por isso, conclui Dom Giussani, “o pedido é toda a expressão do homem [...]. Então a pessoa já não tem medo de nada, não tem nem sequer medo de si mesma. E sente-se como uma criança que o Pai se inclina para segurar: realmente o homem se torna uma criança carregada nos braços de seu pai. Uma pessoa, em sua pobreza, maravilhada diante da perfeição misteriosa de Deus Pai, Filho e Espírito, pede para ser como Ele. E não é uma ousadia temerária, é uma súplica real, simples, como a de uma criança que estivesse plenamente consciente”.<sup>3</sup>

Como é que um homem que viveu uma experiência como aquela encarnada e descrita por Dom Giussani concebe seu estar no mundo, sua tarefa na história?

Em 1993, no meio da crise política e social provocada pelo fenômeno de Tangentopoli [período em que houve uma espécie de Operação Lava-Jato na Itália, no início dos anos 1990. *N.d.T.*], quando tudo na Itália parecia desabar, durante uma conversa perguntam a Dom Giussani: “Qual é a tarefa dos cristãos hoje? Reconstruir o mundo em nome de Cristo?”. Ele responde: “A tarefa deles é comunicar, participar a toda a natureza humana que nos cerca a misericórdia com que Cristo nos trata”.<sup>4</sup>

É surpreendente a coincidência total com a postura do Papa Francisco: “A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia”. E também: “A credibilidade da Igreja”, ou seja, a possibilidade de justificar-se perante o mundo e perante nós mesmos “passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo. A Igreja ‘vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia’. Talvez, por demasiado tempo, nos tenhamos esquecido de apontar e viver o caminho da misericórdia. Por um lado, a tentação de pretender sempre e só a justiça fez esquecer que esta é apenas o primeiro passo, necessário e indispensável, mas a Igreja precisa ir mais além a fim de alcançar uma meta mais alta e significativa. Por outro lado, é triste ver como a experiência do perdão na nossa cultura vai rareando cada vez mais. Em certos momentos, até a própria palavra parece desaparecer. Todavia, sem o testemunho do perdão, resta apenas uma vida infecunda e estéril, como se se vivesse num deserto desolador. Chegou de novo, para a Igreja, o tempo de assumir o anúncio jubiloso do perdão. É o tempo de regresso ao essencial, para cuidar das fraquezas e dificuldades dos nossos irmãos. O perdão é uma força que ressuscita para nova vida e infunde a coragem para olhar o futuro com esperança”.<sup>5</sup> Como vemos, a bula de proclamação do Ano Santo é uma mina de indicações para a realização da nossa tarefa no mundo conforme à natureza do cristianismo.

<sup>1</sup>L. Giussani, *Guardare Cristo*, Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, notas das meditações [de Luigi Giussani]. Rimini, 1993, suplemento de *Litterae communionis-CL*, n. 4, 1990, p. 28.

<sup>2</sup>L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão: Rizzoli, p. 187-188.

<sup>3</sup>*Ibidem*, p. 188.

<sup>4</sup>L. Giussani, *O eu, o poder, as obras*. São Paulo: Cidade Nova, 2001, p. 225.

<sup>5</sup>Francisco, *Misericordiae vultus: Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, 11 de abril de 2015, §10.